

COLÉGIO SÃO LUÍS

**ENSINO MÉDIO
CURSO DE METODOLOGIA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

Lucas Resina Serafim

RACISMO NO FUTEBOL SUL-AMERICANO: causas, efeitos e caminhos.

**São Paulo
2025**

Lucas Resina Serafim

**RACISMO NO FUTEBOL SUL-AMERICANO:
causas, efeitos e caminhos.**

Artigo apresentado como requisito de aprovação em “Metodologia de Iniciação Científica”, na 2ª série do EM do Colégio São Luís

Orientadora: Professora. Dra. Dayse Mara Ramos da Silva

São Paulo
2025

Dedico este trabalho para o Azarão Futebol Clube que sempre esteve do meu lado durante os momentos de crise e sempre me apoiou nos mais diversos problemas,

além de ajudar a consolidar meu amor pelo futebol. Além disso, dedico ao São Paulo Futebol Clube, meu time do coração e a todas as pessoas que fizeram com que eu amasse o time e consequentemente o futebol.

Meu agradecimento vai para a professora orientadora desse TCC Dayse Mara Ramos da Silva por me auxiliar durante toda a escrita do trabalho, oferecendo ótimas dicas de referências e contribuindo com a melhora da escrita final. Ademais, gostaria de agradecer ao professor de metodologia e pesquisa científica José Richardson Matiello por me orientar e ajudar durante a produção do trabalho. Além disso, gostaria de agradecer a minha família por incentivar meus estudos e fornecer o material

necessário para a pesquisa, além de me ajudar a criar amor pelo futebol e consequentemente me levando a fazer esse trabalho.

A escravidão no Brasil não fomentou apenas um sistema econômico, mas moldou condutas e definiu desigualdades sociais.

- Lilia Schwarcz

RESUMO

O trabalho buscava analisar os casos de racismo no futebol sul-americano e entender os motivos pelos quais eles continuam acontecendo. Ademais, as hipóteses iniciais eram que a impunidade e a herança do passado escravista eram os principais motivos da recorrência dos casos de racismo. Como forma de metodologia, foram analisados diversos casos de injúria racial no esporte, além da análise do racismo estrutural na América do Sul, com o embasamento principal no livro “Sobre o Autoritarismo Brasileiro”, de Lilia Schwarcz. Além disso, foram analisados os conceitos de impunidade e discutidos os motivos pelos quais a Conmebol e o poder político dos países não tomam medidas para mitigar os casos racistas. Com isso, a maioria das hipóteses iniciais do trabalho foram completamente corroboradas, assim como os objetivos que conseguiram ser concluídos ao longo dos dois capítulos de desenvolvimento.

Palavras-chave: Futebol sul-americano. Racismo estrutural. Sociedade. Impunidade.

ABSTRACT

The study aimed to analyze cases of racism in South American football and understand the reasons why they continue to occur. Furthermore, the initial hypotheses were that impunity and the legacy of the slave-holding past were the main reasons for the recurrence of racist incidents. As a methodology, several cases of racial slurs in sports were analyzed, along with an examination of structural racism in South America, based primarily on the book “*Sobre o Autoritarismo Brasileiro*” by Lilia Schwarcz. In addition, the concepts of impunity were analyzed and the reasons why CONMEBOL and the political powers of the countries do not take action to mitigate racist incidents were discussed. As a result, most of the initial hypotheses of the study were fully confirmed, as were the objectives, which were successfully achieved throughout the two development chapters.

Keywords: South American football. Structural racism. Society. Impunity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. Futebol sul-americano e histórico racista	17
2. O racismo estrutural no Brasil	25
CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

O futebol é a modalidade esportiva mais praticada no mundo desde o século XXI, e por isso muitas coisas que acontecem em nossa sociedade são refletidas nele. Ademais, um dos principais problemas em nossa sociedade, tanto no Brasil, quanto fora dele sempre foi o racismo e por isso esse problema acaba existindo também dentro do futebol.

Entretanto, não apenas a sociedade influencia no futebol, mas também o contrário acontece, tanto positiva, quanto negativamente, na nossa sociedade. Mudanças políticas, sociológicas e econômicas sempre ocorreram em torno do futebol, e para isso, podemos citar alguns exemplos para comprovar que as ações da sociedade estão diretamente atreladas ao desenvolvimento do futebol.

A Democracia corinthiana, surgida em 1980, lutava para a democratização das decisões internas do clube, e lideradas pelo famoso jogador Sócrates¹, influenciou no fim da Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964 a 1985).

A Democracia Corinthiana foi um movimento que fez história no futebol brasileiro, já que os jogadores ganharam o direito de escolher, por voto, coisas como horário dos treinos e detalhes da concentração, decisões que tradicionalmente são tomadas por diretoria e comissão técnica. Mas a influência da equipe esteve longe de se restringir ao futebol. O Corinthians estampou em suas camisas frases de cunho político como "Diretas Já", em uma época em que movimentos sociais se articulavam para lutar pela volta da democracia ao país. (FIFA²)

Outro exemplo é o de um dos clubes mais influentes da Espanha e do mundo, o Real Madrid que entre 1939 e 1975 recebeu o apoio político e econômico do governo ditador de Francisco Franco.

Ao analisar pelo tema principal de análise, o racismo, podemos ver também essa relação incluindo os aspectos históricos do futebol no Brasil. Ao analisar figuras importantes, conseguimos ver a sua luta contra o racismo e o impacto que elas tiveram no esporte. Leônidas da Silva, mais conhecido como diamante negro, por exemplo, foi um jogador que atuou nas décadas de 1940 e 1950 e por ser uma das primeiras

¹ Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira (1954 – 2011) foi um jogador brasileiro conhecido por sua atuação no clube paulista Corinthians e também por sua atuação política na luta contra a Ditadura Civil-Militar (1964-1985). Na comemoração do que seriam seus 70 anos, o Governo Brasileiro elaborou uma homenagem a ele, disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/historia-hoje-os-70-anos-do-doutor-socrates> Acesso em: 22 set. 2025

² A citação faz parte de uma matéria divulgada pela FIFA e está disponível em: <https://www.fifa.com/pt/articles/democracia-corinthiana-corinthians> Acesso em: 02 abril 2025

figuras negras dentro do futebol, facilitou a atuação de jogadores negros no futebol e principalmente na seleção brasileira.

Mais tarde, Edson Arantes do Nascimento, apelidado de Pelé, também contribuiu para a entrada de jogadores negros e ajudou a combater o racismo através de seu talento individual e pelas suas conquistas no Brasil e pela seleção brasileira. Pelé, apesar de não lutar muito e não comentar a respeito do preconceito, contribuiu para a redução dele, através de grandes apresentações e da demonstração de que jogadores negros poderiam se destacar em um esporte que até então era composto por maioria branca.

Pelé foi cobrado ao longo de sua carreira para se engajar mais na luta contra o racismo. Mas para muitos, sua genialidade como jogador e sua presença nos campos de futebol e nas telas de televisão e jornais por todo o mundo foram essenciais para a construção de uma representatividade negra no Brasil (Julia Braun, 2022).

Além da relação entre o futebol e sociedade e a importância das lutas dentro da modalidade esportiva mais praticada no mundo, temos que entender a origem do racismo no futebol e o desenvolvimento dele na sociedade brasileira. Para isso devemos compreender como o futebol chegou e se desenvolveu no Brasil e depois disso relacionar com o racismo presente na mesma época.

O futebol chegou ao Brasil no ano de 1894 por meio de embarcações inglesas, onde tripulantes traziam consigo bolas de futebol. Muito se diz que quem trouxe a bola pela primeira vez foi o brasileiro Charles Miller, entretanto essa prática de trazer objetos do esporte em processo de consolidação na Inglaterra era muito comum, pois era habitual que os filhos da elite brasileira fossem estudar na Europa. Alguns desses estudantes brasileiros se encantaram pelo futebol e deram um jeito de trazerem ele para o Brasil, através de objetos como bolas ou até livros de regras.

Entretanto, na mesma época, fazia apenas seis meses da Abolição da Escravidão no Brasil, e apesar de já serem considerados livres pela lei, a população negra não tinha como usufruir da sua liberdade. Portanto, no começo, o futebol era um esporte praticado pela elite no Brasil sem a inclusão de jogadores negros.

Apesar disso, o futebol não serviu apenas para a elite fazer negócios e arranjar casamentos durante muito tempo. Por ser um esporte muito fácil de ser praticado, sendo necessário apenas uma bola, logo o esporte passou a ser jogado também nas periferias. Portanto o Brasil passou a não ser apenas dividido pelo racismo, mas

também pelo futebol. De um lado havia clubes e jogadores da elite e do outro, clubes e jogadores das periferias.

Os jogadores das periferias recebiam para jogar, pois não tinha como eles encararem o futebol como uma passa tempo e ao mesmo tempo trabalharem o dia inteiro. Então não demorou muito para as federações proibirem a atuação de jogadores que recebem para jogar, com o discurso de que “é necessário jogar por amor”, junto disso alguns clubes passaram a proibir a atuação de jogadores a depender da sua cor de pele.

Nesse contexto são criados alguns clubes de futebol que existem até hoje e na mesma época, Arthur Friedenreich, um jogador brasileiro de origem alemã por parte de pai e africana por parte de mãe, fato que foi muito escondido pela mídia, que retratava Friedenreich como um jogador na elite. Arthur levou a seleção brasileira ao título do campeonato sul-americano de 1919, o primeiro título da história da seleção. Entretanto, esse feito não fez com que portas fossem abertas para os jogadores negros no Brasil.³

Um ano após, em 1920, jornais argentinos postaram uma charge racista, chamando os jogadores brasileiros de macacos. Apesar de que os atletas do Brasil foram reclamar na federação, ela não fez nada. Nesse contexto, chamaram o presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, que proibiu que jogadores negros atuassem pela seleção brasileira, para não “manchar” a imagem do país.

No dia do jogo, chegou à delegação brasileira a edição do jornal “A Crítica” em que o jornalista uruguaio Palacio Zino, publicou um artigo com o título: *“Monos em Buenos Aires – um saludo a los ilustres huespedes”* (Macacos em Buenos Aires – uma saudação aos ilustres hóspedes). (Alexandre Simões, 2025)

Entretanto, a decisão não deu certo, e a seleção passou a jogar muito mal. Sem os dribles, que foram criados na periferia para evitar o contato e que o juiz beneficiasse o time adversário, o Brasil passou a perder jogos e em 1922 decidiu voltar atrás com a decisão de proibir a atuação de jogadores que não fossem da elite.

A participação do presidente é prova de que o futebol estava se tornando cada vez mais importante, por isso o esporte começou a atrair cada vez mais investidores. Contudo, a população negra ainda era excluída, isso deu margem para que equipes

e atletas começassem a fazer protestos a favor da inclusão dessa parte da população no esporte.

Após isso, a Copa de 1938 serviu para revelar Leônidas da Silva, jogador extremamente popular no Brasil estimular a população negra a participar mais do esporte. Apesar disso, em 1950 ocorreu a primeira copa do mundo de futebol sediada no Brasil, e essa era a esperança da população de que o a seleção da casa conseguisse o seu primeiro título. Segundo Bruno Otávio de Lacerda Abrahão, a torcida brasileira começou a considerar a sua seleção a favorita ao título após diversas vitórias e gerando muita confiança da população. (ABRAHÃO, 2009, p.6)

Entretanto, o Brasil foi derrotado na final para o Uruguai com cerca de 200 mil pessoas assistindo ao jogo no Maracanã e a culpa da derrota recaiu totalmente sobre o goleiro negro Barbosa, que teve sua carreira arruinada depois de ter essa derrota atribuída para si.

Ataques pessoais ocorreram contra Barbosa após aquela derrota, e infelizmente esses ataques exclusivos contra jogadores negros, não são exclusivos da década de 50. Em 1998, por exemplo, após a derrota na copa do mundo sediada na França, os jogadores negros do elenco, como Ronaldinho, sofreram diversos ataques por parte da população.

Em 1958, Pelé levou o Brasil ao título na copa do mundo e encantou o mundo, devolvendo a confiança da população negra no Brasil e estimulando a população mais ainda a jogar no futebol e na seleção brasileira, ainda mais depois de mais dos títulos da copa do mundo em 1962 e em 1970 além de várias conquistas dentro do Brasil.⁴

Depois disso, o racismo obviamente continuou dentro do futebol, mas a ascensão de jogadores negros, aliado ao desenvolvimento da nossa sociedade fosse sendo cada vez um pouco mais combatido.

Hoje em dia o racismo ainda é muito presente no futebol brasileiro e principalmente nas competições sul-americanos. Ele é demonstrado por meio de gestos e xingamentos de uma torcida para outra, ou de uma torcida para um jogador, tentando desestabilizá-lo. O preconceito também é demonstrado por meio de ações e falas feitas por comandante de grandes instituições de futebol, exemplo disso foi a

⁴ Esse contexto histórico que mostra o avanço do futebol paralelamente com o racismo estrutural foi tirado do vídeo que inspirou a realização desse trabalho de pesquisa. O título do vídeo é "A verdade não contada sobre o futebol brasileiro", disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fef7ZclHH8c&t=51s>. Acesso em: 27 set. 2025.

fala de Alejandro Dominguez, presidente da CONMEBOL, a principal instituição futebolística da América que disse a seguinte frase em entrevista para a TNT Sports em fevereiro de 2025 após sorteios da fase de grupos de competições sul-americanas: “a Libertadores (principal competição da CONMEBOL) sem os times brasileiros é a mesma coisa que Tarzan sem chita (chimpanzé que é amigo de Tarzan no cinema)”.⁵

Por isso, análises sobre casos de racismo nos campeonatos sul-americanos, tais como a Copa Libertadores da América e a Copa Conmebol sul-americana, devem ser realizadas. Para isso a problematização em notícias, relatos como entrevistas e artigos sobre o tema são extremamente importantes. Além disso, é fulcral a contextualização histórica dos campeonatos a serem estudados e a observação e pesquisa através de nossa sociedade como um todo e como ela se relaciona com os casos a serem apresentados.

A Copa Libertadores da América, criada pela confederação sul-americana de futebol (CONMEBOL), começou a ser disputada em 1960 e incluía os campeões nacionais dos principais países da América Latina no futebol. Seu nome se deu em homenagem a alguns dos responsáveis pela independência dos países da América. Dentre os homenageados estão: José Artigas, Simón Bolívar, José de San Martín, José Bonifácio de Andrada e Silva D. Pedro I do Brasil, Antonio José de Sucre e Bernardo O'Higgins. Com o passar do tempo, mudanças foram feitas na competição, como a proibição da participação de times de fora da América do Sul e o aumento da importância e do prêmio da competição. Segundo a matéria escrita em 2025 por Ana Karolina Reis, na CNN, o prêmio do atual campeão da Libertadores é de 136 milhões de reais.⁶

Os clubes brasileiros costumam ter tradição nessa competição, no total, foram conquistados 24 títulos, sendo eles por 11 equipes diferentes. Com esses títulos, o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking de países com mais títulos de CONMEBOL Libertadores, perdendo somente para a Argentina, que possui 25 conquistas. Os

⁵ Após esse caso, Alejandro Dominguez veio a público se desculpar pelas suas falas, e segundo ele, não foi a intenção soar discriminatório. Além disso, a presidente do Palmeiras, Leila Pereira, pediu para a Fifa uma maior punição sobre esses casos de racismo. Contudo, não houve punição direta ao presidente da Conmebol, apenas muitas críticas por parte da opinião pública. Matéria sobre os desdobramentos da fala de Alejandro disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/libertadores/artigo/_id/14931015/presidente-conmebol-desculpa-dizer-libertadores-sem-brasileiros-tarzan-sem-chita-fala-revolta-palmeiras Acesso em: 27 set. 2025.

⁶ Na matéria a jornalista detalha os prêmios da competição. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/futebol-internacional/libertadores-2025-confira-os-valores-da-premiacao-por-fase/> Acesso em: 29 set. 2025.

clubes brasileiros também estão predominando nos títulos recentes da competição, desde 2019 apenas clubes brasileiros conquistaram a competição, totalizando uma sequência de 6 títulos.⁷

Além disso, para falar do racismo no futebol, dentro diversos exemplos recentes, podemos analisar o caso do jogador Luigi do Palmeiras que, em março de 2025, chorou em entrevista após ser atacado com gritos racistas e gestos de torcedores imitando macacos em um jogo contra o Cerro Porteño, válido pela Libertadores sub-20. Essa situação mostra como a lógica de Schwarcz, ao discutir o racismo como elemento estrutural na formação do Brasil e de outros países colonizados, ajudam a entender esse caso recente.

Outro exemplo a se observar pode ser o de gestos de torcedores do Talleres, da Argentina imitando macacos para os torcedores do São Paulo que estavam presentes no estádio da equipe adversária. Segundo a reportagem escrita por Ana Cristina Schwambach, da CNN, no dia 3 de maio de 2025, um dia após o confronto entre ambas as equipes, o caso está sendo analisado para que a devida punição deva ser tomada.⁸

A copa CONMEBOL sul-americana também será analisada durante essa pesquisa. Essa competição foi criada em 2002 para substituir outras competições consideradas secundárias da CONMEBOL, como a Copa Mercosul e a Copa Conmebol. Até 2017, a sul-americana era disputada no segundo semestre do ano enquanto a Libertadores era disputada no primeiro, portanto as equipes que se classificavam para ambos os campeonatos conseguiam disputá-los no mesmo ano. Entretanto, em 2017, a sul-americana passou a ser disputada simultaneamente com a copa Libertadores, então, só consegue disputar a sul-americana os times que não estão classificados para a Libertadores.

No total, cinco troféus de sul-americana foram conquistados por clubes brasileiros, dentre eles o Athletico Paranaense com 2 títulos, e os clubes São Paulo, Internacional e Chapecoense cada um com 1 título. Assim o Brasil ocupa novamente o posto de

⁷ É possível saber mais sobre o assunto e todos os campeões na matéria disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/libertadores/noticia/2024/11/30/todos-os-campeoes-da-libertadores-com-titulo-inedito-do-botafogo-veja-lista.ghtml> Acesso em: 29 set. 2025

⁸ Reportagem sobre o caso disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/futebol-internacional/libertadores-da-america/conmebol-apura-caso-de-racismo-em-talleres-x-sao-paulo/>. Acesso em 27 set. 2025

segundo país com mais títulos de uma competição internacional, ficando atrás da Argentina que possui 10 conquistas distribuídas entre 8 clubes diferentes.⁹

Em relação aos casos de racismo, a Sul-americana não se diferencia muito da libertadores. Sendo assim, podemos citar diversos exemplos de falas, gestos e atos preconceituosos nessa competição. Dentre eles podemos analisar o jogo ocorrido em 2023 entre o time chileno Audax Italiano e Santos, no Chile, que segundo Dannyellen Paiva para o Globo Esporte, o atacante Ângelo da equipe brasileira ouviu torcedores da equipe adversária o chamando de macaco enquanto saia de campo para ser substituído.¹⁰

Baseado nisso, esse trabalho busca responder questões como: o motivo pelo qual os casos de racismo acontecem continuamente; porque a Conmebol e as federações dos países envolvidos não tomam providências efetivas para mitigar o preconceito no esporte e uma análise dos principais efeitos do racismo na saúde mental dos esportistas.

Ademais, os objetivos dessa pesquisa são: discutir o legado da escravidão e suas consequências na sociedade, analisar casos de racismo no futebol brasileiro e sul-americano, e projetar encaminhamentos para a mitigação do racismo na sociedade e no futebol. Esses três objetivos serão analisados para que seja possível responder a um objetivo final e principal, que é: entender as ocorrências de racismo no futebol sul-americano e as razões de sua recorrência.

Além disso, esse trabalho parte de 3 hipóteses iniciais, que vão tentar ser respondidas ao decorrer dos próximos capítulos do trabalho, e são elas: o legado da escravidão gerou na sociedade a ideia de que a raça negra é inferior às demais, por isso, os casos de racismo; o futebol sul-americano continua a ter casos de racismo, pois as punições aos clubes não são significativas; penas duras, com perda de pontos em campeonatos ou valores altos em multas, poderiam mitigar o problema; a revolta por parte da delegação dos clubes participantes de competições sul-americanas influenciaria a Conmebol a criar penas mais graves para casos de racismo.

⁹ Informações sobre todos os campeões da Copa Sul-Americana na reportagem disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/futebol-internacional/sulamericana/copa-sul-americana-conheca-todos-os-campeoes-do-torneio/> Acesso em: 27 set. 2025

¹⁰ Informações sobre o caso disponíveis em: <https://ge.globo.com/mg/futebol/noticia/2023/06/28/libertadores-e-sul-americana-de-2023-registram-nove-denuncias-de-racismo-oito-envolvem-brasileiros.ghtml> Acesso em: 27 set. 2025

Assim o trabalho buscará responder essas hipóteses através da análise bibliográfica e de notícias jornalísticas sobre os casos de racismo no futebol.

Capítulo 1- Futebol sul-americano e o histórico racista

O futebol chegou na América do Sul em meados do século XIX. No Brasil ele foi trazido pelo inglês Charles Miller no ano de 1894, em um contexto de recente abolição da escravidão no país. Contudo, a primeira cidade do continente a receber esse esporte foi Buenos Aires, na Argentina, no ano de 1867.¹¹

, que havia sido decretada 13 anos antes. Assim como no Brasil, a abolição da escravidão não solucionou o problema do racismo estrutural em países como Chile e Argentina, continuando com o preconceito e exclusão da sociedade e consequentemente, do futebol.¹²

Com a constituição de 1853 e a abolição da escravidão no mesmo ano, os negros na Argentina foram entregues à própria sorte e caíram no abandono, o governo literalmente esqueceu-se da sua existência como seres humanos. (Portal Geledés, 2016)¹³

Tendo em vista o contexto racista em que o futebol se desenvolveu na América do Sul, é possível notar que o esporte está diretamente relacionado com as ações em sociedade. Por isso, assim como gestos e falas racistas ocorrem todos os dias nas cidades do continente, o mesmo ocorre no meio futebolístico, principalmente quando falamos de competições continentais, tais como a Conmebol Libertadores e a Sul-americana.

¹¹ Informações baseadas na reportagem escrita por Pedro Cristovão Alegi e Jack Rollin, para o jornal Britannica, “O futebol chegou à América do Sul no século XIX através do porto de Buenos Aires, Argentina”. Disponível em: <https://www.britannica.com/sports/football-soccer/South-America> Acesso em 27 set. 2025

¹² Esse tema será mais abordado no segundo capítulo do trabalho.

¹³ Não encontrei o autor da reportagem, ela está disponível em: <https://www.geledes.org.br/historia-dos-negros-argentinos-por-que-eles-quase-sumiram-do-mapa-por-la/> Acesso em 3 out. 2025.

O futebol sul-americano sempre foi marcado por características específicas que o diferenciam do esporte em outros continentes, em especial, a Europa. Dentre essas características, podemos citar principalmente as festas feitas nos estádios por parte das torcidas, a rivalidade gigante entre times, sejam eles da mesma região ou não, a característica do futebol com “raça”, ou seja, marcada por uma vontade imensa de trazer a vitória, mesmo que ela custe a qualidade do jogo e muitas vezes até a integridade física dos outros jogadores.¹⁴

Dadas essas características gerais do esporte no continente, é importantíssima a análise de outra característica que é o racismo envolvido no futebol no continente. Os casos de gestos ou falas preconceituosas infelizmente são frequentes por parte de torcedores, jogadores e até dirigentes de clubes na América do Sul.

Como primeiro exemplo disso, podemos citar um caso que ocorreu em um jogo entre Grêmio e Santos, dois times brasileiros que se enfrentavam pelas oitavas de final da Copa do Brasil de 2014. Naquela ocasião, o goleiro Aranha, do Santos, começou a ouvir falas racistas, como “macaco” e “preto sujo” vindas de torcedores gremistas que estavam nas arquibancadas. Naquele momento, o Santos vencia o jogo por dois a zero e ao fim da partida, Aranha deixou de falar de sua excelente atuação durante o jogo para reportar em entrevista o que havia ocorrido dentro do estádio e as ofensas ouvidas durante o jogo e principalmente nos minutos finais.¹⁵

Depois disso, algumas pessoas que estavam proferindo essas ofensas foram identificadas e a punição para elas foi a proibição de frequentar jogos o clube por 720 dias. Entretanto, muitos outros que estavam no estádio não foram identificadas, inclusive por falta de “vontade” de outras pessoas que estavam no local.

As coisas foram acontecendo durante o jogo, era muita gente, tinha mais de 20 mil pessoas fazendo [gestos racistas]. É que gravou somente sete pessoas. Durante o primeiro tempo, eu fiquei pensando quais eram as consequências e atitudes, pensava que alguém tinha que filmar. Virei umas três vezes para os câmeras e pedia para filmar, mas eles não queriam se envolver naquilo. (Aranha, 2020).

¹⁴ Muitas dessas características foram ditas com base na análise de diversos jogos de competições sul-americanas desde 2017, contudo é possível analisar outras características no site da Conmebol, disponível em: <https://www.conmebol.com/pt-br/a-instituicao/> Acesso em 03 out. 2025.

¹⁵ Reportagem sobre o caso disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484_868649.html Acesso em 27 set. 2025.

Apesar da coragem e força de vontade exemplar do goleiro, ao dar entrevista após um momento tão delicado e triste como esse, o goleiro alega que essa luta e participação causou consequências para sua carreira profissional para sempre. Em sua entrevista para a revista Brasil de Fato, Aranha diz: “Por mais que eu estivesse concentrado no jogo, aquilo não saiu da minha mente. Então, eu decidi tomar aquela decisão e não me arrependo. Paguei com a minha carreira? Paguei. Me arrependo? Não.”¹⁶

Esse episódio é um exemplo claro de impacto na saúde mental e na vida do atleta, que teve parte de sua carreira interrompida por ofensas advindas da arquibancada enquanto ele exercia sua profissão.

Ademais, esse caso também contribui muito para falar sobre a impunidade a respeito desses casos, pois, segundo Pedro Ivo Almeida, em reportagem escrita para a Uol em 2014, apenas quatro torcedores foram indicados e foram apenas proibidos que frequentar jogos do clube apenas por 720 dias, e nenhuma prisão foi aplicada, dentre várias pessoas que cometeram o crime naquela noite. O árbitro da partida, Wilton Pereira Sampaio também foi punido com um afastamento de 90 dias e uma multa de apenas 1600 reais por não relatar o caso na súmula da partida. Quanto a punição para o clube, foi uma multa de apenas 54 mil reais e a exclusão da competição daquele ano.¹⁷

Essa exclusão, apesar de que à primeira vista ela pareça uma pena severa, ela não é de fato, pois o Santos havia ganhado o primeiro jogo de dois a zero jogando fora de seu estádio e o jogo da volta seria dentro de seu mando de campo. Assim, o clube de Aranha era franco favorito para se classificar e o Grêmio, muito possivelmente, já seria eliminado da mesma competição. Portanto essas punições, tanto para o clube quanto para os torcedores não são coerentes com os crimes cometidos durante a realização daquela partida.

Além desse caso, também podemos citar vários outros, dentre eles, um que aconteceu na Conmebol Libertadores Sub20, uma competição internacional, no jogo entre Cerro Porteño, do Paraguai e o Palmeiras, do Brasil. Naquela ocasião, o jogador

¹⁶ Link de acesso para a entrevista disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/podcast/brasil-de-fato-entrevista/2020/08/21/aranha-e-o-preco-de-denunciar-o-racismo-no-futebol-paguei-com-a-minha-carreira/> Acesso em 27 set.2025.

¹⁷ Reportagem disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/copa-do-brasil/ultimas-noticias/2014/09/03/stjd-julga-o-gremio-por-caso-de-racismo-contra-o-goleiro-aranha.htm> Acesso em: 03 out. 2025.

Luighi, do clube brasileiro, saiu de campo aos prantos ao ouvir ofensas racistas e ver gestos imitando macacos, proferidos por torcedores paraguaios.¹⁸

Durante a entrevista pós jogo, o atleta palmeirense reclamou que os jornalistas não estavam fazendo perguntas a respeito do crime que havia ocorrido contra ele, e começou a chorar.¹⁹

Esse caso, é outro que pode ser usado como exemplo de impunidade, não apenas por parte da Conmebol, a organizadora da competição, mas também pela legislação paraguaia. Segundo Jairo Nascimento, em reportagem escrita para a CNN ESPORTES, o infrator nesse caso poderia pagar uma multa de apenas o equivalente a 7 mil reais, pois a legislação paraguaia não considera o racismo como um crime, nem ao menos um delito, mas sim como um ato infracional, portanto a punição para os casos de racismo é de muito difícil realização no país, possibilitando com que casos como esse aconteçam com maior frequência.²⁰

O texto é claro quanto à forma, pois diz que é “ilegal o exercício de direitos individuais e coletivos de pessoas de ascendência africana, alegando motivos raciais ou étnicos”, porém há dúvida na aplicação sobre como punir as ofensas e se o texto protege somente cidadãos paraguaios. (Jairo Nascimento, 2025).

Além disso, a presidente do palmeiras Leila Pereira, ameaçou retirar seu time e boicotar a competição após não concordar com as punições aplicadas ao clube e aos torcedores que haviam feito gestos e falas preconceituosas. Ademais, a presidente não compareceu ao sorteio da próxima fase das competições Conmebol libertadores e sul-americana, como forma de protesto e de mostrar sua indignação com a instituição a respeito desses casos frequentes.

Segundo o dicionário brasileiro, a impunidade pode ser caracterizada como: “condição de impune; em que há impunidade; ausência de punição; sem castigo”, entretanto a segunda explicação do dicionário sobre esse conceito pode refletir nesses casos de racismo no futebol, “qualidade ou particularidade de impune, em que

¹⁸ Informações sobre o caso em reportagem do G1 disponível em:

<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2025/03/09/exclusivo-fantastico-fala-com-o-jogador-palmeirense-vitima-de-racismo-no-paraguai.ghtml> Acesso em: 27 set. 2025.

¹⁹ Acesso para a reportagem em: <https://www.brasildefato.com.br/podcast/brasil-de-fato-entrevista/2020/08/21/aranha-e-o-preco-de-denunciar-o-racismo-no-futebol-paguei-com-a-minha-carreira/> Acesso em: 03 out. 2025.

²⁰ Reportagem disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/fluminense/olimpia-do-paraguai-tera-punicao-por-racismo-em-jogo-contra-o-fluminense/> Acesso em 05 out. 2025.

há tolerância ao crime”. Assim, fica claro que a impunidade, significa que o crime está sendo tolerado e conseqüentemente não combatido, explicando uma das razões dessa recorrência frequente no futebol.²¹

Poucas semanas após o caso de Luighi, novamente a Conmebol demonstra atos racistas, porém dessa vez, advindos do então presidente da instituição, Alejandro Dominguez, que disse em entrevista que a Conmebol Libertadores sem clubes brasileiros, seriam como o Tarzan sem Chita.²²

O assunto em questão foi abordado após o caso de racismo que Luigi sofreu durante a Libertadores sub-20, no jogo entre Palmeiras e Cerro Porteño. Leila Pereira, presidente do Palmeiras, cogitou boicotar a competição. (Felipe Dorini, 2025)

Ao analisar essa frase preconceituosa, fica explícito que as ações racistas não vêm apenas de dentro de campo e das arquibancadas, mas também dos bastidores e dos mais altos cargos relacionados ao futebol na América do Sul, como de um presidente da maior instituição futebolística do continente. Assim, fica nítido que a resolução do problema é extremamente complexa, quando as pessoas que deveriam contribuir para mitigar ou acabar com os problemas, são as mesmas que os praticam. Dessa forma, fica claro novamente que o racismo é estrutural, como dito por Lilia Schwarcz, logo ele acaba sendo normalizado. Segundo Hannah Arendt em seu livro “Banalidade do mal”, quando o mal é banalizado, ele acaba sendo cada vez mais frequente e conseqüentemente as ações para acabar com ele, são muitas vezes negligenciadas. Assim, fica claro que a normalização do racismo está relacionada a estrutura com a qual o país se formou desde o fim da escravidão, justificando em partes o motivo pelo qual o preconceito também parte de pessoas em altos cargos sociais.

Cerca de dois meses após a fala de Alejandro Dominguez, mais um caso de racismo aconteceu na Conmebol Libertadores. Naquela ocasião, Talleres de Córdoba, da Argentina e o São Paulo, do Brasil se enfrentavam em uma partida válida pela fase de grupos da competição. Durante do jogo, um torcedor do Talleres, proferiu gestos imitando macacos para a torcida são paulina que estava presente no estádio.

Dias após, a Conmebol passou a apurar o caso, para que possa dar algum tipo de punição para o torcedor e para o clube.

²¹ Acesso ao dicionário disponível em: <https://www.dicio.com.br/impunidade/> Acesso em 04 out. 2025.

²² Chita é um chimpanzé, amiga do personagem Tarzan, nos filmes dele.

O artigo 15 do Código Disciplinar da Conmebol, que trata exclusivamente de episódios de discriminação, prevê multa de pelo menos 100 mil dólares para clubes "cujos torcedores insultarem ou atentarem contra a dignidade humana de outra pessoa ou grupo de pessoas, por qualquer meio, tendo como motivo a cor da pele, raça, sexo ou orientação sexual, etnia, idioma, credo ou origem." E, em caso de reincidência, o infrator poderá ser punido com multa de 400 mil dólares. (Schwanbach, 2025).

Ao analisar esses quatro casos, fica comprovado que eles são extremamente presentes nas competições sul-americanas e infelizmente podem ser considerados como característica do futebol no continente. Analisando mais precisamente cada um dos casos, podemos notar semelhanças em todos eles no quesito da impunidade, além de também podermos identificar um impacto significativo na saúde mental do atleta, tanto no caso do goleiro Aranha, quanto no do garoto Luighi.

Entretanto, apesar de todos esses problemas, ainda sim a Conmebol não dá a devida importância e não oferece o suporte necessário para acabar com o problema, mesmo que essa seja uma realidade possível.

Lilia Schwarcz explica em seu livro "Sobre o autoritarismo brasileiro" que o racismo não ocorre em casos isolados, mas sim ele está institucionalizado no pensamento das pessoas e muitas vezes ocorre nas ações mais sutis das pessoas e do próprio estado, a exemplo da desigualdade nas abordagens policiais. Portanto, a negligência estatal serve como prova desse pensamento que o racismo é banalizado e consequentemente as ações necessárias muitas vezes são ignoradas.²³

Um exemplo claro disso foi a decisão da Conmebol de abolir os sinalizadores nos estádios em suas competições. Esses artigos pirotécnicos também sempre foram marca do futebol sul-americano, muito utilizado para festas nas torcidas, porém causando acidentes muitas vezes. Com isso, a Conmebol aboliu a utilização de sinalizadores nos estádios.

Apesar de que em alguns jogos os sinalizadores tenham sido utilizados. A exemplo do jogo entre Atletico Mineiro e River Plate pela Libertadores de 2024, os clubes sempre são punidos, resultando em uma redução drástica no uso desses

²³ A análise mais profunda do livro de Lilia Schwarcz será feita no segundo capítulo do trabalho.

artigos nos estádios. Após isso, o clube do River Plate passou um ano sem a presença de sua torcida no seu estádio, como forma de punição.²⁴

Além disso, em 2025 a Conmebol proibiu também o uso de sinalizadores em um perímetro de até 100 metros nos arredores do estádio. Desde então, essa norma vem sendo seguida à risca e nenhuma torcida acendeu sinalizadores nas arquibancadas desde então. Entretanto, segundo a matéria de Eder Traskini²⁵, os torcedores do São Paulo Futebol Clube fizeram uma festa com sinalizadores antes de um jogo de Libertadores, porém a festa ocorreu fora do perímetro de segurança.

Com essa análise sobre o fim dos artigos pirotécnicos em estádios, são possíveis ao menos duas conclusões principais. A primeira delas é que com muito esforço e punições severas, as instituições conseguem mitigar um problema, por mais que ele esteja a tanto tempo no futebol, que ele seja considerado como uma característica. Essa situação mostra como a não punição, ou seja, a impunidade, é um elemento incentivador à continuação de casos de racismo.

Ademais, a segunda conclusão é que a Conmebol não trata os casos de racismo como a prioridade e seriedade que devem ser tratados. Dessa forma, é notável quando clubes são punidos por ações consideradas leves, como a utilização de artigos pirotécnicos em estádios, enquanto casos muito mais graves, como crimes de injúrias, são frequentemente ignorados, ou analisados com desprezo, resultando em punições consideradas leves, resultando na maior incidência desse tipo de crime. Segundo a publicação de Vinicius Botelho para o Jornal da USP²⁶, problemas que estão institucionalizados precisam ser mais severamente punidos e a impunidade estimula com que os casos aconteçam. No caso da reportagem, o jornal explica a impunidade como incentivadora para a manutenção da corrupção no Brasil. Entretanto, o mesmo pode se aplicar para o racismo, visto que ambas possuem herança histórica da colonização e estão institucionalizados em nossa sociedade.

²⁴ Reportagem sobre o caso disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/atletico-mg/artigo/_/id/15022207/atletico-mg-sem-torcida-sul-americana-sinalizadores-semifinal-libertadores-river-plate Acesso em 03 out. 2025.

²⁵ O título da reportagem é Libertadores: são-paulinos driblam proibição e recebem time com sinalizador; a reportagem foi escrita dia 10/4/2025. Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2025/04/10/libertadores-sao-paulinos-driblam-punicao-e-recebem-time-com-sinalizadores.htm> Acesso em 24 set. 2025.

²⁶ A matéria fala sobre a impunidade como um dos motivos para a corrupção do Brasil. Dessa forma, muitas das afirmações trazidas podem se aplicar para o racismo, pois ambos são problemas sociais. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/impunidade-um-dos-fatores-que-explicam-percepcao-da-corrupcao-do-brasil-em-ranking-mundial/> Acesso em: 04 out. 2025

A ONG afirma que “os retrocessos nesse campo e os ataques às instituições e à própria democracia ainda terão impacto por muito tempo na capacidade brasileira de combater esse grande problema social”. Ao explicar a postura do País frente ao problema, o professor Assed diz tratar-se de “um problema estrutural, um ambiente institucional e arranjos institucionais que acabam favorecendo a corrupção no País”. (ASSED, 2022)

Dessa forma é notável o racismo estrutural em nossa sociedade, que consiste na desigualdade racial presente na estrutura social, como o próprio nome diz. Dessa forma, ele é perceptível quando não vemos pessoas negras em altos cargos de poder, por exemplo. Assim, o pensamento racista da população é formulado desde a sempre, levando ao pensamento racista da população de forma até “natural”, explicando a recorrência dos casos no futebol e o motivo pelos quais as pessoas na sociedade como um todo tendem a tratar brancos e negros de forma diferente.²⁷

Concomitantemente, a imagem passada para os torcedores que acompanham o futebol sul-americano por parte de pessoas como o Alejandro Dominguez, presidente da Conmebol, é que os atos racistas não são um problema. Isso é demonstrado quando o presidente da maior instituição de futebol profere uma fala racista semanas após a polêmica do caso Luighi.

Assim, tanto a punição e o esforço para acabar com esses atos não são feitos, quanto maus exemplos são dados por pessoas que deveriam ajudar a resolver o problema.

Logo, o racismo não está apenas estruturado no pensamento das pessoas, mas também está institucionalizado, ou seja, está enraizado em instituições gigantes, como a própria Conmebol e o governo de alguns países. Assim, fica claro novamente que ele está em todos os setores, e é muito difícil de ser combatido devido a sua estruturação e institucionalização.²⁸

Vale ressaltar, inclusive, que a legislação de países da América do Sul como o Paraguai, conforme já citado anteriormente, não consideram o ato de injúria racial como um crime, enfraquecendo ainda mais o combate pelo fim dessas ações. Assim, as atitudes da Conmebol que já são poucas e ineficientes, se tornam de ainda mais

²⁷ Esse tema é melhor abordado no segundo capítulo do trabalho.

²⁸ Esse tema também é melhor abordado no segundo capítulo do trabalho

difícil realização. A ausência da palavra racismo é já um indício de esse ato não ser criminalizado pelo país.²⁹

Capítulo 2 - O racismo estrutural no Brasil

O racismo no Brasil é uma herança do passado escravista, mas que continua presente de forma muito clara na realidade atual. Mesmo depois da abolição, a população negra não foi incluída na sociedade, ao não dispor de direitos básicos, como educação, moradia e trabalho digno. Lilia Schwarcz em seu livro “Sobre o

²⁹ Para essa afirmação, textos constitucionais de países com maior participação em eventos esportivos de futebol na América do Sul foram consultados. Em alguns deles não constam os termos “racismo ou raça”, como a Constitución Nacional del Paraguay: disponível em: <https://observatoriolegislativocele.com/pt/constitui%C3%A7%C3%A3o-nacional-do-paraguai/> e a Constitución Política de República del Chile, disponível em: https://www.oas.org/dil/esp/constitucion_chile.pdf; em outros como Brasil, disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm e Argentina, disponível em: <https://ampf.org.br/wp-content/uploads/2023/08/Constituicao-da-Argentina-em-Portugues.pdf>, os termos estão presentes. Todas as consultas aconteceram em 29 set. 2025.

autoritarismo brasileiro”, afirma que a escravidão foi mais do que um sistema econômico para a época. Para ela, a escravidão se transformou em uma “linguagem, com graves consequências” (SCHWARCZ, 2019, p. 27). Isso mostra que o modo de pensar criado nessa época continua influenciando o jeito com que a população no país se comporta até hoje.

Além disso, o racismo está presente no cotidiano e como mostrado no capítulo anterior, aparece com frequência em diferentes locais e momentos. Schwarcz mostra que ele pode ser percebido na forma como a polícia aborda jovens negros, diferentemente da abordagem a jovens brancos, nas dificuldades que mulheres negras enfrentam no mercado de trabalho e no fato de a população negra ser a que mais sofre com a violência urbana. Essas situações revelam como o preconceito racial está naturalizado e continua sendo reproduzido nos mais diversos lugares, mesmo que não sejam demonstrados literalmente.

No caso de Luighi, por exemplo, o caso de racismo foi tratado com naturalidade por parte da mídia, que, em entrevista, ignorou o ato racista sofrido pelo jogador, deixando claro que muitas vezes o racismo passa despercebido. Além do caso do goleiro Aranha que teve sua carreira prejudicada por gritos racistas vindos na arquibancada.

Outrossim, na fala preconceituosa de Alejandro Dominguez mostra a normalidade com que a principal figura política do futebol sul-americano não apenas deixa o racismo muitas vezes passar sem punição, mas também possui falas preconceituosas. Assim, fica claro que não é apenas na sociedade que o racismo está presente em todos os setores, mas no futebol também, incluindo casos de torcedores, jogadores e figuras políticas.

Além do racismo estrutural, a impunidade também é um claro incentivo a repetição, como comprovado no capítulo anterior através do exemplo dos sinalizadores, quando a Conmebol se dispõe para acabar com um problema por mais comum e enraizado ele esteja ela consegue. No caso do racismo, obviamente a punição não acaba completamente com os casos, mas ajuda na sua diminuição.

Ademais, outro exemplo claro da exclusão dos negros na sociedade é a desigualdade na educação. Lilia afirma que “educação nunca foi um direito de todos neste país de proporções continentais, passado escravocrata e estruturada em concentração de renda” (SCHWARCZ, 2019, p. 133). Isso mostra que o sistema

educacional brasileiro, desde o início, privilegia parte da população, desde pessoas de maior renda, homens e brancos. Assim, o acesso à escola e as oportunidades que ela traz foi negado por muito tempo aos negros, o que ajuda a comprovar a ideia de que o racismo no Brasil é estrutural, e não resultado de atitudes individuais.

Outro ponto importante que mostra como o racismo é estrutural no Brasil é a falta de representatividade da população negra na política, espaços de poder e decisão. Lilia Schwarcz explica que, historicamente o país excluiu os negros e indígenas, reforçando um projeto de nação que valorizava o embranquecimento e deixava de lado a diversidade racial. Essa lógica se reflete até hoje na baixa presença de pessoas negras em cargos políticos, nas universidades e em cargos mais altos nas empresas. Isso mostra que não se trata apenas de casos isolados de preconceito, mas de um sistema que foi criado para manter certos grupos afastados da sociedade, reforçando as desigualdades e dificultando as mudanças no combate ao preconceito.

Com isso, podemos relacionar o racismo estrutural na sociedade com o futebol e sua história de diversas maneiras. Como já abordado no capítulo anterior, o futebol ou qualquer outro esporte é apenas mais uma das diversas áreas da sociedade em que o racismo se apresenta.

Dessa forma, podemos relacionar essa análise sobre o racismo estrutural com alguns dos casos analisados durante o primeiro capítulo do trabalho. No caso de Luighi, por exemplo, a naturalidade com que os entrevistadores falaram com o jogador, tratando como se nada tivesse acontecido é um reflexo nítido da normalização dos casos. Desse modo, é possível perceber a estrutura racista presente também no futebol, quando o racismo aparece e é banalizado, ou seja, normalizado conforme as descrições de Hannah Arendt. Nesse caso especificamente, a normalização aparece através da ignorância a respeito do caso que acabara de acontecer.

Além disso, a falta de atitudes por parte da Conmebol também demonstra essa estrutura racista da sociedade, pois nem os principais poderes capazes de realizar soluções para mitigar o problema, se propõe para isso. Isso fica claro novamente no caso das falas preconceituosas do presidente da Conmebol Alejandro Dominguez. Assim, é nítida não só a falta de comprometimento das grandes instituições para combater o racismo, mas também o racismo estrutural.

Outrossim, a origem do futebol e sua história, abordados na introdução do trabalho, mostram que jogadores negros em épocas mais próximas a escravidão não podiam praticar o esporte profissionalmente. Além disso, como no caso do goleiro Barbosa, a culpa por uma derrota na maioria das vezes era atribuída a um jogador negro, deixando clara que a estrutura preconceituosa é uma herança do passado.

Ademais, como demonstrado no livro “Sobre o autoritarismo brasileiro”, a escravidão não foi apenas um modelo econômico e político brasileiro que ficou no passado e teve seu fim com a Lei Áurea em 1888, mas na verdade, ela segue com seu legado, que está instaurado por meio do racismo, sendo o futebol como uma dessas áreas.

Assim, a difícil inclusão de jogadores negros no esporte, principalmente nos primeiros anos de sua existência, é também justificada por esse racismo enraizado na sociedade, de quando os negros eram muitas vezes vistos como inferiores e eram deixados de lado. Vale ressaltar novamente que na época, a não inclusão no futebol era apenas mais uma, visto que a população preta e parda não era inclusa nas universidades, mercado de trabalho, e não tinham diversos outros direitos básicos.

Com base nisso, podemos comprovar que os atos, gestos e falas racistas nos exemplos estudados no primeiro capítulo não ocorrem frequentemente apenas devido a impunidade, mas também por conta da normalização do racismo. Essa normalização, segundo Lilia Schwarcz, aparece de forma muitas vezes sutil em nossa sociedade, por exemplo quando não vemos pessoas negras ocupando altos cargos na sociedade.

Então, o pensamento racista das pessoas é moldado no dia a dia, durante o seu desenvolvimento desde criança. Dependendo das influências da pessoa e da maneira com que a sociedade se comporta no local em que ela é formada, ela pode ser mais propensa a cometer atos racistas. Logo, em uma sociedade que é racista por grande influência do passado escravista, diversas pessoas crescem em um ambiente de preconceito, o que aumenta sua tendência a recriar as mesmas ações em vários momentos, inclusive durante partidas de futebol.

Dessa forma, fica evidente que uma maneira de mitigar as ações racistas da população é modificando o comportamento da sociedade em relação ao racismo. Para

isso, é necessário que a população negra seja cada vez mais incluída em altos cargos públicos e no acesso a universidades.

Além disso, ver pessoas negras se destacando em diferentes áreas, como no esporte, na música, cinema, internet como um todo e cada vez ocupando mais cargos elevados, vai moldando aos poucos um pensamento menos preconceituoso nas pessoas. Infelizmente, como demonstrado diversas vezes durante essa pesquisa, a sociedade ainda está longe de acabar com o racismo, entretanto, estamos muito mais perto do que estávamos a anos atrás.

Ademais, na relação com o futebol, essa realidade também se repete. Mesmo sendo um dos esportes mais populares do Brasil e contando com tantos jogadores negros que fizeram história, ainda vemos muitos casos de racismo acontecendo dentro e fora dos campos. Assim, é possível mostrar que esses casos, fazem parte de uma estrutura racista que foi sendo construída ao longo do tempo e que ainda não acabou. A normalização do racismo, que acontece na sociedade como um todo, também aparece no futebol, quando casos, como o do jogador Luighi são normalizados pela imprensa e por muitas vezes várias outras falas e atos preconceituosos passam despercebidos.

Concomitantemente, é possível notar que mesmo com vários atletas negros fazendo história no esporte, são poucos os que ocupam cargos de liderança nos clubes, como técnicos, dirigentes ou diretores. Isso mostra que o racismo não está só nas ofensas, mas também na forma como as oportunidades são distribuídas. Assim como na sociedade, no futebol as pessoas negras muitas vezes são deixadas de fora dos espaços de decisão, o que reforça ainda mais a desigualdade.

Ademais, a sutilidade do racismo, abordada por Lilia Schwarcz também pode ser notada dentro do futebol. Quando a mídia esportiva retrata a qualidade de jogadores negros por sua performance física, ou seja, força, velocidade e vitalidade, jogadores brancos costumam ser elogiados por sua classe, inteligência e visão de jogo. Apesar de que essa diferença pareça pequena, ela contribui para a criação de uma imagem de que a população negra é menos capaz intelectualmente do que a branca, inclusive no esporte.

Além disso, é importante falar sobre como a trajetória dos atletas negros costuma ser muito mais difícil desde a base. Muitos desses jogadores vêm de

contextos de vulnerabilidade social, e veem o futebol como uma das únicas chances para mudar de vida. No entanto, o acesso a oportunidades e treinamentos é desigual. Segundo Arlei Damo, a profissionalização no futebol, apesar de parecer igual, é muito marcada por desigualdades sociais e raciais que reproduzem o mundo fora do esporte.

Enquanto jogadores brancos de classe média conseguem se preparar com mais estrutura e apoio familiar, os atletas negros, muitas vezes, precisam superar não só a concorrência esportiva, mas também barreiras socioeconômicas impostas por um sistema que historicamente os marginaliza (ALMEIDA, 2019).

Outro aspecto que evidencia o racismo estrutural no futebol é a forma como a aparência dos jogadores negros é extremamente criticada. Coisas simples como cortes de cabelo, roupas e tatuagens são muito usados para criticá-los ou para construir uma imagem negativa sobre suas ações fora de campo. Essas atitudes, mesmo disfarçadas de “opinião” ou “crítica esportiva”, reforçam o preconceito contra jogadores negros, visto que as mesmas críticas não são feitas aos brancos. De acordo com Bell Hooks, a sociedade ainda enxerga os corpos negros como "espaços de ameaça" ou de "desordem", o que explica a o preconceito diante de expressões culturais negras em ambientes como o futebol.

Com isso fica claro que o problema do racismo no futebol tem uma relação fortíssima com a sociedade, principalmente no Brasil, onde o futebol não é presente apenas dentro dos estádios em uma quarta feira a noite ou domingo as quatro da tarde, mas também no dia a dia, no trabalho, nas escolas, nas ruas. O futebol brasileiro está no cotidiano, nas conversas, nas camisetas, bandeiras, gritos, relações, amizades etc.

Por isso, existe uma relação quase que conjunta entre o comportamento da população na sociedade e o comportamento dela nos esportes. Junto disso, a herança de um passado vergonhoso do Brasil, segue até hoje, inclusive dentro do futebol. Assim, é imprescindível que para o fim do racismo no futebol, é necessário o fim do racismo na sociedade e isso só é possível com o avanço contínuo, mesmo que lento, da inclusão da população negra em todos os setores sociais.

CONCLUSÃO

Com isso, o trabalho consegue responder os principais problemas de pesquisa. O primeiro deles era entender o motivo pelo qual os casos racistas continuam ocorrendo continuamente. Baseado na análise do livro de Lilia Schwarcz, conseguimos entender que o problema do racismo é estrutural e institucional, ou seja, ele está presente no pensamento da população e aparece em vários setores sociais. Além disso, discutimos o conceito e impunidade e foi possível concluir que a falta de medidas para a punição de casos racistas são uma forma de estimular o preconceito no esporte.

Dessa forma, podemos chegar à conclusão de que alguns dos motivos pelos quais os casos acontecem continuamente são a estrutura com a qual a América do Sul está organizada desde a era da colonização europeia e a falta de punição para os casos racistas.

Portanto, podemos relacionar essa resposta com o segundo problema inicial da pesquisa que era: porque a Conmebol e as federações dos países envolvidos não tomam providências efetivas para mitigar o preconceito no esporte. Assim, baseado na análise de casos como o de Alejandro Dominguez e no estudo sobre a institucionalização do racismo, podemos notar que muitas dessas ações não são tomadas pois o racismo também está presente dentro dessas instituições.

Além disso, foi possível notar que a Conmebol e os governos dos países não dão a devida importância para acabar com o preconceito no esporte. Exemplo disso foi a

análise da proibição e alta punição aos clubes que acendessem sinalizadores nos estádios, enquanto os casos de racismo continuam com baixas punições. Junto desse caso, é possível afirmar que a Conmebol consegue, quando quer, acabar ou mitigar um problema, coisa que não vem acontecendo com os casos racistas.

Ademais, vale ressaltar a negligência estatal em alguns países. Através da análise da legislação de alguns países, foi possível notar que Paraguai e o Chile, por exemplo não consideram o racismo um crime, tornando-o normal e justificando o motivo pelo qual os governos desses países não lutam contra esse preconceito.

O terceiro problema no início desse trabalho de pesquisa era analisar os impactos do racismo na saúde mental dos jogadores. Esse aspecto ficou claro no caso do goleiro Aranha que teve sua carreira fortemente atrapalhada após sofrer ofensas racistas advindas da torcida durante um jogo.

Além desse, caso, podemos citar o do jogador Luighi, do Palmeiras, que foi um dos casos mais analisados durante esse trabalho. Na ocasião, o jogador chorou em entrevista, demonstrando um forte abalo emocional devido ao que havia ocorrido. Dessa forma, foi possível responder esse problema, deixando claro que em alguns casos o racismo pode impactar muito na saúde mental do atleta e muitas vezes até em sua carreira.

Em relação aos objetivos desse trabalho, o primeiro deles era discutir o legado da escravidão e suas consequências na sociedade. Esse objetivo foi trabalhado no segundo capítulo do trabalho baseado na análise bibliográfica do livro “Sobre o autoritarismo brasileiro”, de Lilia Schwarcz, dessa forma, foi possível concluir esse objetivo após a análise do livro e exemplificação da teoria na prática, trazendo notícias sobre casos do preconceito no futebol.

O segundo objetivo era analisar os casos de racismo no futebol sul-americano. Esse objetivo foi realizado durante o primeiro capítulo do trabalho, através da descrição e análise de casos como o de Luighi, Alejandro Dominguez, Aranha etc. Dessa forma, o objetivo foi realizado.

Ademais, o terceiro objetivo, de propor medidas para a mitigação do racismo no futebol também foi concluído, porém, com ressalvas. Durante o estudo, foi possível notar que a impunidade é uma justificativa da recorrência dos casos racistas, logo, com a maior punição dos clubes o racismo no futebol seria mitigado.

Contudo, o estudo também permitiu a visão da dificuldade de acabar com o racismo, por ver que ele está presente em todos os setores sociais, incluindo nas

grandes instituições, além da percepção da presença do racismo estrutural. Assim, ficou notável a dificuldade para a promoção de medidas que mitiguem o racismo.

Esses três objetivos serviram de referência para a conclusão de um objetivo principal que era entender as ocorrências do racismo no futebol sul-americano e as razões de sua recorrência. Esse objetivo conseguiu ser concluído a partir da análise de casos racistas e da leitura do livro de Lilia Schwarcz que serviu de embasamento bibliográfico para a escrita de grande parte do segundo capítulo.

Ademais, esse trabalho partiu de 3 hipóteses iniciais. A primeira delas era que o legado da escravidão gerou na sociedade a ideia de que a raça negra é inferior às demais, por isso, os casos de racismo. Com base nas análises de racismo estrutural, essa hipótese foi corroborada ao longo dos estudos presentes no segundo capítulo. Entretanto, vimos que não é tão simples assim e que mesmo séculos após a abolição da escravidão o racismo estrutural e institucionalizado ainda são muito presentes na sociedade.

A segunda hipótese inicial era que o futebol sul-americano continua a ter casos de racismo, pois as punições aos clubes não são significativas; penas duras, com perda de pontos em campeonatos ou valores altos em multas, poderiam mitigar o problema. Essa hipótese também foi corroborada com base na análise de casos como o dos sinalizadores. Assim, foi possível notar que maiores punições aos clubes e torcedores fariam com que a recorrência de casos de racismo no futebol fosse mitigada.

A terceira hipótese era que a revolta por parte da delegação dos clubes participantes de competições sul-americanas influenciaria a Conmebol a criar penas mais graves para casos de racismo. Entretanto, essa hipótese não foi corroborada durante o trabalho.

Prova disso, foi o exemplo da análise das críticas feitas por Leila Pereira, presidente do Palmeiras, contra a Conmebol após o caso de Luighi. Além disso, após a fala racista do presidente da Conmebol, diversos times do futebol brasileiro se posicionaram contrários à sua fala e nada foi feito. Dessa forma a, ficou claro que a diretoria de diversos clubes já se revoltou contra Conmebol e até agora nada foi feito.

Assim, é possível perceber que a revolta dos clubes não faz com que a Conmebol tome mais medidas para mitigar o racismo em suas competições, ou que é a forma com que as revoltas são feitas que não convencem a Conmebol a combater o problema.

REFERÊNCIAS.

- ABRAHÃO, Bruno. *O Que o Brasileiro Não Esquece Nem a Tiro É o Chamado Frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro*. Rio Grande do Sul: Movimento, 2009.
- ALMEIDA, Pedro. STJD exclui Grêmio da Copa do Brasil por ofensas racistas a goleiro Aranha. São Paulo, UOL, 2014.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo, Pólen, 2019.
- ASBEG, Pedro. *Democracia em preto e branco*. São Paulo, 2014.
- BRAUN, Julia. Pelé sofreu racismo, mas fez muito pela representatividade negra. São Paulo: BBC NEWS, 2022.
- BOTELHO, Vinicius. Impunidade, um dos fatores que explicam percepção da corrupção do Brasil em ranking mundial: Jornal da USP, 2025.
- CARVALHO, Igor. Aranha e o preço de denunciar o racismo no futebol: “Paguei com a minha carreira”. São Paulo, Brasil de Fato, 2020.
- CONSOLLN, Beatriz. Jornais do Paraguai repercutem caso de racismo e entrevista de Luighi. São Paulo, CNN BRASIL, 2025.
- DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo, Hucitec, 2007.
- DOMINGUEZ, Alejandro. Presidente da Conmebol sobre Libertadores sem Brasil: “Tarzan sem Chita”. São Paulo: CNN ESPORTES, 2025.

DORINI, Felipe. Presidente da Conmebol sobre Libertadores sem Brasil: "Tarzan sem Chita". São Paulo, CNN ESPORTES, 2025.

FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Mauad X: Rio de Janeiro, 2010.

HOOKS, bell. *O olhar negro: raça e representação*. São Paulo, Elefante, 2019.

PAIVA, Dannyellenn. Libertadores e Sul-Americana de 2023 registram nove denúncias de racismo; oito envolvem brasileiros. Belo Horizonte, GE, 2023.

REIS, Ana. Libertadores 2025: confira os valores da premiação por fase. São Paulo, CNN Brasil, 2025.

ROLLIN, Jack. *Football – South American Teams, Rules, History*. Chicago, BRITANNICA, 2025.

SCHWAMBACH, Ana. Conmebol apura caso de racismo em Talleres x São Paulo. São Paulo, CNN ESPORTES, 2025.

SCHWARCZ, Lilia. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SIMÕES, Alexandre. Racismo impediu amistoso entre Brasil e Argentina há 105 anos. São Paulo, CNN ESPORTES, 2025.

TELES, Gabriel. Por que Atlético-MG joga sem torcida contra Iquique pela Sul-Americana. São Paulo, CNN ESPORTES, 2025.

TRASKINI, Eder. Libertadores: são-paulinos driblam proibição e recebem time com sinalizador. São Paulo, UOL, 2025.

A história dos negros argentinos: por que eles quase “sumiram” do mapa por lá?. São Paulo, PORTAL GELEDÉS, 2016.